

<Paiakã>

DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS KAIAPÓ

PAIAKÃ, entrevista feita por Vincent Carelli e Beto Ricardo, na aldeia A-Ukre, em agosto de 83.

- Quantas pessoas moram por aqui agora?

P - 183 pessoas, nós vivia em outra aldeia, num posto que a Funai criou daqui para cima que chama Kubenkräkrein, uma aldeia que nós vivia muito tempo nessa aldeia. Eu me criei, eu cresci lá, eu fui para fora para começar a aprender, para começar ajudar meu parente, meu povo.

Ai eu saí, estudei um pouco, no meu tempo a Funai não tinha condições de ajudar o índio para fazer estudo. Eu fiquei sempre tentando a Funai me ajudar para estudar. Aí no fim não consegui, e voltei para tribo, na tribo mesmo eu arranjei de estudar mais. Estudei um pouco. Depois voltei para cá, para minha tribo mesmo Kubenkräkrein. Ai conversei com papai, conversei com meu tio também que é cacique antigo, perguntei para ele se tinha algum lugar com condições de fazer outra morada. Então ele respondeu que tem aqui. Então nós viemos para cá fazer a mudança. No início a Funai não estava nem sabendo, mas depois a Funai achou que foi um erro que eu tive. Mas da minha parte não é erro. Uma ajuda de alimentação de viver que eu fiquei sempre pensando. Mas no início eu tive um pouco de culpa mesmo. Porque em toda a mudança sempre tem que ocorrer um caso de doença.

O primeiro caso que ocorreu aqui foi a malária, faleceram 3 ou 4 crianças por isso a Funai achou que eu errei. Mas depois eles ficaram sem condição de ajuda de apoio para saúde aqui. Aí eu fiz um curso de enfermagem. A Funai prometeu contratar para trabalhar. Aí eu vim para cá, foi no final de 1979. Aí em diante eu fiquei sozinho aqui, sempre eu fiquei sozinho aqui, trabalhando sem ganhar nada.

E nós tivemos dificuldades no início de receber transporte, medicação e alimentos de outra aldeia. Depois nós começamos a fazer nossa produção de alimentação. E hoje nós estamos em condição de se alimentar, produzir, trabalhar, viemos para cá em março de 1979.

- Quando você saiu para estudar, para onde foi?

P - Para Altamira.

- Foi a 1a. vez?

P - Não, na primeira vez eu tinha saído para Conceição, Araguaçema. Fazer um estudo da minha própria língua. Quando eu voltei, já tinha condição de sair para outros lugares, para aprender mais.

- Quando você foi para Araguaçema, você foi estudar com quem?

P - Com missionário, linguista.

- Você tinha quantos anos?

P - 14 anos

- Quanto tempo você ficou lá?

P - 3 meses - é o tempo que dura o estudo. Aí a 1a. vez fui pedir estudo para Funai que me prometeu para aguardar na aldeia mesmo. Voltei para aldeia e não vi resultado nenhum. Aí depois a Funai inventou de ajudar todo o índio da tribo para fazer pacificação de outro índio que não tinha contato nenhum com os brancos. Aí eu fui trabalhar, passei um ano trabalhando.

- Que ano foi?

P - Foi em 1970, mês de setembro.

- Pacificação de quem?

P - De outro índio, era para encontrar qualquer um grupo de índio. Eu trabalhei primeiro com o sertanista foi com a Oneide, depois eu passei pro sertanista Afonso, depois passei para o irmão dele Raimundinho, depois trabalhei com o sertanista Cotrin.

- Foi tudo aqui na região da Transamazônica?

P - Sim, foi nessa região.

- Passou um ano lá?

P - Foi, depois eu comecei a pedir o estudo de novo. Aí não me deu estudo nenhum. Aí o chefe de Ajudância da Funai foi mudando, aí chegou outro que não gostava de índio, eu não gostei também, começou a fazer maldade com índio, eu estava vendo. Aí eu voltei para tribo. Depois a Funai me prometeu estudar em Brasília, e também não deu.

Eu fui convidado para escrever um livro em Belém, no Instituto Lingüístico. Eu fiz o livro sobre o meu trabalho da Transamazônica. Então a Funai interessou de eu fazer a publicação do livro. Então eu fiz e no mesmo tempo eu estava em Brasília, a Funai pediu para ficar para estudar. Aí eu fiquei mais meses ainda esperando estudo, não me deu estudo, eu voltei de novo para aldeia. Aí eu desisti de estudar, de aprender, de tudo. Mas depois eu fiquei pensando em voltar para estudar um pouco. Aí eu fui para Belém estudei um pouco. Aí um delegado da Funai já estava gostando de mim, via que eu estava interessado mesmo de estudar para dar uma ajuda para meu povo. Então ele me ajudou um pouco, de uns 4 meses de estudo. Era o tempo que o pessoal já estava querendo se mudar para cá, aí eu voltei.

- Depois que você estava aqui é que você saiu para fazer o curso de enfermagem?

P - Não, antes de eu vir para cá para o A-Ukre, eu fui fazer o estudo de enfermagem em Belém.

- Quando vocês se mudaram a Funai se propôs a botar força aqui ou ela não queria, ou vocês que não queriam?

P - A Funai é que não queria criar Posto. Nós estávamos querendo escolher um lugar para fazer nova morada e depois que nós já estávamos morando aqui, a Funai cria o Posto para nós aqui. Eu sempre pergunto para Funai o que significa o Posto, porque a aldeia para mim é muito melhor do que o posto.

- O que que a Funai falava para você?

P - Ela falava que a Funai não tem recursos para criar postos.

- Mais gente saiu para estudar fora?

P - Daqui? Não aqui eu não tenho dentro da Funai nenhum parente estudando. Mas com missionário eu tenho 4 índios daqui estudando.

- Do SIL?

P - É do Instituto Lingüístico. Está estudando em Abaetetuba, está estudando na língua e em português.

- Tem outros aqui que já estudaram?

P - Tem alguns que já sabem ler, falar com branco, já sabe falar o português.

- Então vocês chegaram aqui em 1979?

- Vocês demoraram para construir a aldeia? Veio um pouco de cada vez? Como foi?

P - Nós se mudamos de vez, sem roça, sem campo de pouso, sem nada.

- Quando apertou a situação com a saúde como você fez?

P - Quando estava tendo problema de doença eu mesmo pego uma canoa e desço lá para baixo onde tem comunicação. Lá na aldeia do coronel Pombo. Quando a Funai manda o medicamento manda alguma coisa, eu tenho que trazer na canoa, levando três dias para chegar aqui.

- Chegou a faltar comida?

P - Chegou, eu ia buscar comida no Kikretum, do coronel Pombo.

- Daqui para lá de canoa com o rio cheio leva quanto tempo?

P - No rio cheio levo dois dias.

- O barco é a motor?

P - Agora nós temos motor, a Funai arranhou para nós.

- Quer dizer que nessa fase do começo a Funai não deu ajuda?

P - Deu muito pouco.

- Hoje aqui você já tem o que? Fale um pouco o que você tem aqui.

P - Depois eu comecei a reclamar que a Funai tem que dar uma ajuda para nós. Então a Funai deu um barco, um motor. Depois eu pedi a fonia, uma comunicação. Então a Funai deu um rádio.

- Você reclama com a Funai em Belém?

P - É, em Belém. Depois eu fiquei tentando uma enfermaria, aí a Funai mandou fazer essa enfermaria que está aí. Eu pedi para algum funcionário vir fazer uma orientação, outro tipo de trabalho que pode ajudar nós aqui.

- Como assim?

P - Cuidar de saúde, outro tipo de trabalho que pode orientar para o índio fazer, produzir, vender e ganhar alguma coisa.

A Funai diz que não tem a pessoa para mandar. Eu venho sozinho, trabalhando sozinho aqui, eu oriento os parente para fazer artesanato para vender e comprar munição, roupa tudo para ele, e produção de castanha também oriento para fazer coleta de castanha para vender. Nunca teve funcionário da Funai aqui em mais de 6 anos.

- Você acha bom ou ruim?

P - Para mim eu estou achando é bom. Tendo rádio, não tem problema. Qualquer problema que ocorrer aqui, eu ligo o rádio, eu comunico, eu explico a situação e de lá mesmo podem falar o que eu posso fazer por aqui.

- Você liga para quem?

P - Bem se ocorrer um problema de comunidade eu apelo para o chefe de Ajudância, ou delegado, o que devo fazer com meu parente. Então ele me explica.

- A Ajudância é em Altamira?

P - É em Altamira. Se o problema é de saúde que eu não entendo, eu comunico com Belém, procurando um médico da Funai, então eles pedem para o médico falar comigo, eu explico a situação de saúde para o doutor e ele me dá uma explicação de medicamento que eu devo aplicar, ai eu faço o que ele manda.

- Agora, castanha como é que deu? A última safra como foi?

P - A última safra deu muito pouco, 180 caixas, nós produzimos, estava faltando castanha em toda parte.

- Porque será?

P - Um ano dá outro ano dá pouco, não é assim?

- No ano passado nós coletamos mais de 700 caixas.

P - Vocês estão vendendo em Belém?

- Como vocês fizeram para levar lá essa castanhha?

P - Nós transportamos para onde tem condições, onde tem barco da Funai para apanhar.

- Onde?

P - Para baixo, no rumo de Kikretum.

- Vocês venderam direto, ou foi a Funai que vendeu?

P - Não, eu fui acompanhando junto com o chefe de Ajudância, o Salomão, ele trabalha muito com nós, ele foi me acompanhando para observar a venda da castanha. Nós vendemos em Belém e fizemos as compras em Altamira.

- E o artesanato como vocês estão vendendo?

P - Nós produz o artesanato aqui e transporta para Belém, lá tem uma loja da Funai, Artíndia, onde nós vende o artesanato.

- Vocês transportam várias vezes por ano? Como vocês fazem? Ou concentra para levar tudo de uma vez?

P - É quando tem transporte, todo o ano a gente vai transportando.

- E como é a venda? Vocês recebem em dinheiro ou espera a Artíndia vender?

P - Não, a Artíndia paga em dinheiro, chegando lá o encarregado confere a quantidade de artesanato e quando eles não querem dar o preço, eu cobro o preço do artesanato e a Funai me paga.

- Para fora vocês só vendem artesanato e castanha?

P - É só artesanato e castanha.

- E aqui dentro, como está a caça e a roça?

P - Nós temos plantação aqui mesmo, só plantamos batata, banana, cará, inhame, macaxeira, mamão, arroz. Esses sacos aí são de arroz.

- Como vocês estão vendo a situação de terra aqui? De invasão?

P - Aqui nós estamos no centro, nós pensa em ajudar outra aldeia que fica próxima de limites, nós aqui estamos muito dentro, nós não temos problema de invasão, problema de demarcação.

- Para área dos limites, vocês tem uma idéia das invasões, você podia dar uma idéia de como é a invasão, de que tipo?

P - Tenho

- Diga aí.

P - O primeiro é o ponto do Gorotire, tem problema de invasão de garimpeiro e de fazendeiro. Garimpeiro do Cumarú.

- O Cumarú é fora da área?

P - Segundo os guerreiros lá, Cumarú está dentro e o índio não tem força de dizer para Funai que está dentro. Então o índio começa a ficar calado. E os garimpeiros ficaram em cima dos índios dizendo que está fora. Os índios concordaram que está fora, mas todos os índios estavam sabendo que é dentro.

- Mas antes dos garimpeiros entrarem a fazenda já tinha tomado conta?

P - é

- Você já esteve lá?

P - Não, mas antes de ter fazenda ou garimpo eu já andei por lá.

- Você sabe quantos garimpeiros tem lá?

P - Não, eu não estou sabendo.

- Bem, então tem fazenda e garimpo naquela área, você sabe quantas fazendas?

P - Não sei quantas tem.

O Kriketum também fica perto da demarcação, eles também tem problemas com garimpo.

- Qual é?

P - Eu não sei qual é e nem quantos tem.

No Kuben-Kran-Ken também tem problema de invasão de fazenda.

- é grande a fazenda, você sabe?

P - Não, não sei, nós os índios queremos saber quem está invadindo nossa terra, mas a Funai não deixa que o próprio índio fale com o fazendeiro que invade a terra. A Funai é que quer falar com o cara, mas sem o índio saber às vezes a Funai convida o índio para acompanhar, mas ele nem sabe o que a Funai vai dizer. Ou então ela pede para Polícia Federal ir falar com os invasores. Mas de minha parte eu não acho certo não, o próprio dono da terra é que tem que falar, é por isso que eu não sei quantas fazendas tem, quantos garimpos tem.

- E aquela reunião que a Funai fez?

P - Aquela reunião que teve, até agora eu não sei. Da minha parte eu fiquei pensando que o cara antigo do SPI ele teve a idéia de combinar com todos esses caciques para fazer as mudanças para outra área. Só isso que eu entendi na reunião.

- Quem? é o Cícero?

P - é.

- Que área que ele queria mudar vocês?

P - Eu não sei, de onde é, mas é um do PNX, um local antigo onde sempre os índios passavam, onde já teve uma fazenda, uma morada dos brancos.

O Raoni, o Cícero e o Kromi (?) estavam combinando. Mas todos os caciques daqui desta região não estava aceitando. E também na reunião todos os caciques pediram para a Funai continuar a demarcação em toda a área, mas até agora não fizeram nada.

- Mas qual é a demarcação que vocês querem?

P - A demarcação nossa.

- Vocês tem o mapa?

P - Não, a Funai tem.

A demarcação foi feita no ano de 79, 80 mas não foi feita toda, foi feita a metade, foi feita a metade do Kikretum, do Gorotire também, do Kokraimoro também foi feita a metade, e do Kuben não foi feita.

- Porque não foi feita?

P - Porque a Funai não tem condições de continuar a demarcação.

- Vocês acompanharam essa demarcação?

P - Não, só os caras que a Funai contratou para fazer o trabalho.

- A proposta do Cícero era o de juntar todas as aldeias numa só?

P - é ajuntar todas e quer que a aldeia fica como a cidade, e que o governo ia dar ajuda também. Mas para mim não é certo não, certo é cada aldeia ficar no seu lugar e o governo ajudar porque o índio desocupar a terra dele não é certo. Aqui para nós, A-Ukre e Kikretum, não está querendo a comunidade toda de Kikretum não estava querendo porque tem castanha, a terra é boa para todo tipo de plantação e tem outro tipo de coisas que para o futuro é bom também.



Aqui no A-Ukre é a mesma coisa para plantar, a terra é boa, para caçar a mata é boa, para viajar. Então algum cacique antigo que tem conhecimento daquela região fala que a mata é um pouco fechada não tem terra boa para plantar.

- Aquela reunião demorou quantos dias?

P - 3 dias. Agora teve outra reunião no mês de junho, lá mesmo no Gorotire.

- Quem chamou a reunião?

P - Foi o delegado de Belém.

- E como foi a reunião?

P - Eu acho que ele pensou em combinar, acertar com todos os caciques para ver se a gente concorda de entrar em contato com o pessoal da Companhia de Mineração para fazer uma experiência de garimpar com maquinário. Para evitar de estragar, sujar a água que pertence ao índio. Mas aí eles concordaram, mas da minha parte não concordei.

- Eles quem?

P - Os caciques do Kikretum, Kuben-Kan-Kren, Gorotire concordaram, mas daqui do A-Ukre eu não concordei não, é a mesma coisa que vai trabalhar com máquina. A máquina vai estragar também. a terra, vai prejudicar, vai aparecer algum tipo de doença. E garimpagem manual também a mesma coisa vai aparecer a doença, vai prejudicar a comunidade indígena, então o que é melhor, o próprio índio trabalhar, quando ele vê que está prejudicando, pára de trabalhar, pára de movimentar. O pessoal de fora não, não está nem querendo saber se o índio está sofrendo, querem saber é ganhar dinheiro para eles.

- Você disse que o pessoal concordou? Como? Autorizou a entrar? Como é?

P - Aceitaram.

- O Paulo César tinha o nome da Companhia ou era qualquer Companhia?

P - Me esqueci o nome da Companhia.

- O que a gente viu pelos jornais é que o Coronel Pombo também não aceitou. O que o delegado dizia é que ele pedia pros outros capitães convencerem o coronel Pombo, ele tinha medo de ir lá. Parece que o coronel Pombo também não aceitou esse negócio de maquinaria.

P - é, ele não aceitou, nos combinamos eu e ele de não aceitar. Porque esse delegado da Funai, o Paulo César tinha falado mal do Coronel Pombo por causa do garimpo dele. Por isso quando ele falou de maquinário, ele não gostou da idéia.

- Agora o Paulo César saiu, o que você escutou dessa história?

P - Eu não peguei a notícia dele, mas eu tenho algum entendimento com ele. Porque ele não atende nos aqui A-Ukre e Kikretum, Krokaimoro e Kuben. Ele tem entendimentos com os Gorotire.

- Agora parece que vai o Salomão lá, né?

P - Vai, ele ainda não chegou em Belém, está na Ajudância ainda, mas vai para Belém.

- Agora estava falando dos garimpos que tem aí, o rio Branco, vocês não estão trabalhando lá?

P - Nós estamos trabalhando lá também, nesse tempo ninguém foi porque a gente tinha uma festa, o coronel Pombo pediu para terminar a festa, para vir os índios que estavam lá, para vir assistir a festa. Nós estamos aguardando a oportunidade pro pessoal ir de novo.

- Quantos homens vão daqui para lá?

P - Às vezes vai 3, 2, 4 até 5 vai. Fica 15 dias até mês, aí volta. Aí vai outro.

- O trabalho lá é mais fiscalização?

P - Bem, antes eles estavam fiscalizando, mas agora quando índio vai, tem que trabalhar, aprender como funciona, saber como funciona a máquina chupadeira. Aprendendo o próprio índio pode trabalhar.

- Do teu pessoal que está indo lá o que eles tem achado? O que você tem achado?

P - Eu achei que os índios devem ir trabalhar e aprender, porque se um dia nós descobrir um garimpo aqui, o índio já sabe trabalhar e o próprio índio pode ir garimpando, sem vir garimpeiro para cá.

- Depois que apareceu esses garimpos aqui, e os índios estão trabalhando lá, o que vocês acham que mudou?

P - Depois que apareceu esse garimpo, nós tivemos um pouco de ajuda fora da Funai, ajuda em transporte, de comunicação, de medicamento, de tudo.

- É uma ajuda com o dinheiro que foi ganho lá, com o trabalho no garimpo?

P - É, por conta de nosso trabalho lá, às vezes é por conta do Pombo, ele manda alguma coisa para nós também, transporte, tudo é por conta dele.

- Tem alguma coisa que mudou para pior depois do garimpo?

P - O que piorou para nós é o problema de gripe que o pessoal vai e faz o tempo lá tem contato com o garimpeiro, pega gripe e traz para comunidade.

- Chegou a morrer alguém de gripe?

P - Não

- Que doença que tem mais aqui?

P - Gripe e às vezes malária.

- E o pessoal que foi no garimpo já aconteceu alguma briga, algum problema?

P - O pessoal daqui nunca teve problema, agora o pessoal do Kikretum que são dono do garimpo tiveram uma briga com garimpeiro.

- Quer dizer que os kaiapó está todo mundo procurando ouro na sua área?

P - É

- E aí como você vê isso, se começar aparecer muito garimpo?

P - Aí se começar a aparecer tanto garimpo para toda área, aí nem nós, nem a Funai não tem condições. Aí o governo prejudica nós, porque o governo faz controle, mas não é o controle que o índio quer.

- Qual é o controle que vocês querem?

P - Não queremos muita quantidade de garimpeiro trabalhando com índio.

- Quais são os principais problemas que você está querendo resolver no A-Ukre?

P - Não tem problema maior aqui.

- Agora que mudou o delegado da Funai, você acha que vai mudar alguma coisa? Você vai pedir alguma coisa?

P - Só depois que o outro delegado assumir em Belém, aí nós vamos resolver alguma coisa. Nós queremos resolver alguma coisa que eu já tenho pedido, eu já tenha falado pro Paulo César. E ele sempre diz que a Funai não tem dinheiro.

- O que vocês acharam da eleição do Juruna?

P - Bem, toda a comunidade não sabe, mas eu entendo que foi bom um índio assumir uma chefia maior para ajudar outro grupo.

- Você já esteve com ele?

P - Não, nunca encontrei com ele, mas eu já tenho ouvido ele falar no rádio.

- A gente queria saber se vocês têm visitado outras aldeias, os Kuben, etc.

P - A gente tem visitado sempre.

- Vocês se encontram por conta ou quando a Funai convida?

P - A gente se encontra por conta.

- Nessa reunião que teve esse ano foi de todo mundo, todos os capitães Kaiapó?

P - Não, foi só KUBEN, Kikretum, Kokraimoro, A-Ukre. Do Baú e o Mekranoti lá do Parque não foram.

- Você sabe que esse depoimento a gente vai passar para um livro, a gente está gravando, você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre a situação da área, ou se já está bom... Porque depois muitos outros índios, muita gente que está dando um apoio para as comunidades vai ler isso, é uma coisa que vai durar muitos anos.

P - Nós índios também estamos tentando que a Funai ajude mais os índios, para mais tarde, para o futuro. Por isso que eu não quero que os brancos venham trabalhar aqui. Quer dizer eu sou daqui, eu sei, eu entendo eu não tenho precisão de sair todo mês para a cidade, para deixar o povo abandonado aqui, se acontecer alguma coisa de morrer, eu não quero. Então quando o funcionário da Funai vai, ele já está querendo voltar, então ele não está cuidando bem dos índios. Ele faz o trabalho dele igual ele vai tratar um animal. Eu falo isso porque eu tenho visto o branco trabalhando com o índio muitas vezes. Então aqui nós estamos pensando de a Funai ajudar, de índio aprender e praticar para o próprio índio poder ficar trabalhando com seu povo. Para não ter precisão de ficar saindo toda hora para outro lugar. E de chefe de posto, a Funai tem chefe de posto, mas o que que o chefe de posto faz? Aqui mesmo nessa aldeia se um exemplo eu acompanhar vocês para outra aldeia que é posto vocês vão ver a diferença. O chefe do posto quando vai para aldeia, ele só faz um relatório que a Funai pode ler e fica engavetado, só. Agora quem vai trabalhar é o índio, por isso nós estamos pensando de o próprio índio aprender, de ele fazer sua produção, sair para vender e voltar de novo. De engano também. Se enganar os parentes ele pode dizer que gastou, que comprou, eu não acredito que o índio engane os parentes.

O branco não, ele pega a produção do índio, sai, faz venda mas o índio nem está sabendo por isso, nós está pensando em estudar aprender e trabalhar sozinho.

- Esse negócio de estudar, você está pensando sempre em mandar o pessoal estudar fora ou ter uma escola aqui? Como é?

P - Eu procuro deslocar meu pessoal para estudar fora quando tem condição, e pedir uma professora para fazer escola aqui, eu tenho pedido muitas vezes para Funai. A resposta: a Funai não tem dinheiro para mandar professora. Eu acertei com o missionário, eles contataram a Funai para ver condições de saída.

- Qual é o missionário?

P - É o chefe dos missionários, o nome dele é Carlos, ele é alemão. E foram alguns deles, já retornaram do estudo, porque não estavam querendo estudar e alguns deles, uns 4 que está gostando, só vem quando terminar todo o estudo.

- Agora o pessoal que está saindo para o garimpo? Como é que é?

P - Eu escolho a pessoa, para quem quiser, quem não foi, quem teve um bom trabalho lá no garimpo, se eles querem voltar outra vez, quem tem vontade de voltar para o garimpo.

- É só rapaz moço ou pai de família?

P - Vai rapaz, vai pai de família.

- Vai pouco?

P - Vai 3, 4 até 5. A primeira vez estava indo até 10, mas quando aparece algum trabalho para a comunidade, eu mando de 2 a 3.

- Quer dizer algum trabalho da comunidade já ficou prejudicado porque eles estavam lá?

P - Não

- Alguém do pessoal daqui, já ganhou algum dinheiro no garimpo?

P - Já ganharam

- E o que fizeram com esse dinheiro?

P - Eles compraram bagulho para eles, compraram espingarda, munição, rede, panela, tudo que estava querendo comprar.

- Quem vai, quem ganha, quem compra bagulho é para ele ou para comunidade?

P - Bem a pessoa que vai trabalhar, ele vai trabalhar, ganhar dinheiro e fazer as compras para eles. E o dono do garimpo é que dá pelo trabalho alguma coisa pra comunidade. Ele dá açúcar, café, calçado, calça, roupa, rede. O que a comunidade precisa ele manda, mas manda pouco, porque é difícil mandar muitas coisas no avião.

- Você tinha falado que escreveu um livro?

P - Foi

- Esse livro saiu onde?

P - O SIL editou.

Eu fui fazer em Belém, foi publicado em Brasília para semana do índio em 1974.

- Como é que foi essa época que você trabalhou na pacificação? Você chegou a fazer contato com algum grupo?

P - Eu cheguei, uma vez nós tivemos duas vezes na aldeia ARARA. No meu tempo eu e o outro índio que não tem conhecimento da língua para falar. Depois de mim o pessoal da Funai esteve várias vezes, aí me parece que eles acharam que o grupo que andava atrás estava procurando de atacar, aí começou a atacar também.

- Tem algum grupo aqui dentro da área KAYAPÓ que está sem contato?

P - Tem, aqui nós temos e até agora não localizamos a morada.

- Em que rumo?

P - Eles aparecem em todo lado, anteontem estiveram aqui, aí a pessoa quis falar mas se esconderam, correm.

- Vocês acham que é um grupo só ou mais de um? é KAYAPÓ?

P - é KAYAPÓ. Um tempo atrás eles mesmos falaram com o índio aqui e explicaram a localidade deles, mas ninguém foi.

- Você acha que é um grupo só?

P - é um grupo só, aqui mesmo nessa região.